

Os erros de um salão de arte

DEVERIA SER UM DOS SALÕES MAIS IMPORTANTES DO BRASIL — COMO SEMPRE FOI ALIÁS, MAS EM 1970 O SALÃO NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA (HÁ 25 ANOS CRIADO, COM OUTRO NOME) FOI MUITO MAL ORGANIZADO E CHEIRA A ESCÂNDALO. NOSSO CRÍTICO DE ARTES, MORGAN MOTA, FALA SOBRE ISSO.

Era uma vez um salão de arte de âmbito nacional, que consagrava os premiados e glorificava os selecionados. O júri era rigoroso, composto por críticos especializados, de alto nível. O número de participantes era pequeno, superava mil trabalhos, por isso se incluía entre os mais importantes do País. O então Conservador Chefe do Museu, de nome Teles de Azevedo, foi afastado e um conservador-chefe diferente passou a dar as cartas. Ele começou a perder o seu valor. O júri passou a ser formado por pessoas sem condições, a fim de "mudar de braçadeiras" e repartir o bolo entre favores, amigos e agradados.

O salão quase desapareceu. Mas a diretoria e a comissão encarregada do salão de casa com o museu, (a secretária Adélia F. Machado) no último ano de suas atividades (em 1969) fez uma tentativa de reorganização do "salão" e o quase salão saiu. Foi uma promoção tradicional há 25 anos (todas as vezes que não mudaram porteiros), sem as antigas presenças. Mantive o tradição de ser inaugurado no dia 12 de dezembro (dia do aniversário da cidade), mas não passava de uma coletiva cheia de silos e balões, mas balões que não, além disso, foi inaugurado sem a presença do Prefeito e com muitas horas de atraso.

O júri crítico não aceitou fazer parte do júri, a professora e artista muito bem informada com sua presença não permitia, assim como o bem intencionado vanguardista do Mato Grosso (Humberto Spindler). Os demais votaram não considerando o M. A., mas, agradar o "salão" e seus jurados. Tais presenças não foram consideradas serviu de advertência. O número de inscrições não chegou a ser um vendedor de "abaixo-cultura", ao tentar vendê-lo no M. A. tentaram por se inscrever durante o trabalho. E, por incrível que pareça, acabou ficando entre os selecionados e por pouco ficando entre os selecionados e por pouco ficando entre o que estiveram presentes aqui. Foi quase o fim do certame.

Crítica do Salão

Em termos de presença — nomes conhecidos — quantidade e qualidade de trabalhos, o 2.º Salão Nacional de Arte Contemporânea (pela denominação antiga) Salão de Belas Artes, seria o 23.º e o certame de 1970 é o mais fraco dos últimos dez anos. Para ilustrar, basta citar que os vanguardistas críticos só estão presentes dos nomes: Wanda Pimentel e Gilberto Lourenço. E, com referência a Minas Gerais, o Stella Maris de Figueiredo e Teresinha Soares, considerando que os demais são irrelevantes na arte brasileira a só daqui há um ano talvez tenham a ocupar um lugar entre os vanguardistas cinéfilos. Aldir Mendes e Antonio Henrique do Amaral são os únicos vanguardistas paulistas participaram do excelente Lohar Charoux que, embora não seja da vanguarda, é considerado artista também de São Paulo. O certame não trouxe que seja início ou encerrando em nossas escolas de belas artes, tais como: Maria de Lourdes Vilares, Múci e George Ioffe, Manoel Augusto Serra, André (com seus desenhos muito bem estruturados) destaca-se entre os mineiros: são paisagens selecionadas, acrescenta de novos elementos de sutil conteúdo crítico. Quase na mesma linha do seu orientador no início da carreira, José Ronaldo Lima, José Aveiro de Paula é outro desenhista que apresenta um trabalho muito interessante e Matilde Souza Neto é presença surpreendente com seus desenhos surrealistas. Além de Wanda Pimentel com seus painéis recortados — partes do corpo humano e máquinas.

Teresinha Soares, que apresenta seus objetos recortados que formam as mais variadas formas do corpo humano, isto é, em diferentes planos (20 metros quadrados, seu divórcio apresenta o que há de mais avançado e inovador. Sua proposta é complementar com as cores: "plástico, violação, marcado, use e abuse" e mais "amado e multiplicado". Foi o que contou com maior participação do público, não só no ato inaugural como também por parte dos visitantes comuns ou acidentais — o de maior comunicação.

A Vila incluiu de Stella Maris de Figueiredo entre os que tiveram aquisições com "gustos esculturais/entulhos, numa verdadeira crítica à sociedade de consumo, e



Eymard Brandão: a charge visualiza muito bem o 2.º Salão.

outra abstração, como o São de Geraldo Teles de Oliveira, o G.T.O. com o seu excelente conjunto, só ter uma peça adquirida com 500 cruzeiros a menos do preço estipulado. Paulo Roberto Leal, com sua "armagem", cai no lugar comum que tenta mostrar contações com o desmembramento (incursiva) ou sociedade de consumo pelo simples fato de elaborar as "armagens" com papelão. A gravadora Cleli Albuquerque apresenta sua série já comentada aqui e Nora Fonseca surpreende com seus desenhos em torno do prolongamento/acordamento.

As duas mais Matilde e José Aveiro não sabemos por que ficaram à margem das aquisições também. Maria Célia, graças a nossas críticas, detém os bordões à la tapete polones e justifica seu prêmio com os objetos: janelas redondas. Muito engraçado também foi o critério da gravura tradicional aos trabalhos conceituais como "A Nova Crítica", de Frederico de Moraes, que superou a grandeza do 1.º time da vanguarda. Seu trabalho nada mais é do que o registro (filmes e "valides") de manifestações vanguardistas no Rio. São Paulo e inclusive "Do Corpo à Terra", realizada aqui em Belo Horizonte, no Palácio das Artes. O trabalho é importante, mas, convenhamos um museu como o nosso que não consegue conservar nem as obras que fazem parte do seu acervo. Já pensaram onde vão parar os "valides" e filmes que compõem o trabalho do crítico-artista? E' muita pena não registrar e, ainda mais, premiar trabalhos conceituais. É possível nos Estados Unidos ou Europa, onde há pessoas para cuidar disso tudo, como há restauradores nos museus, de fato.

Então resta-nos o alívio de verificar que entre os premiados estão Wanda Pimentel, Aldir Mendes com seus objetos — metatopólio — valorizados pelo acréscimo de radiografias que sintetizam falhas de liberdade, prisão, liberdade numa proposta muito

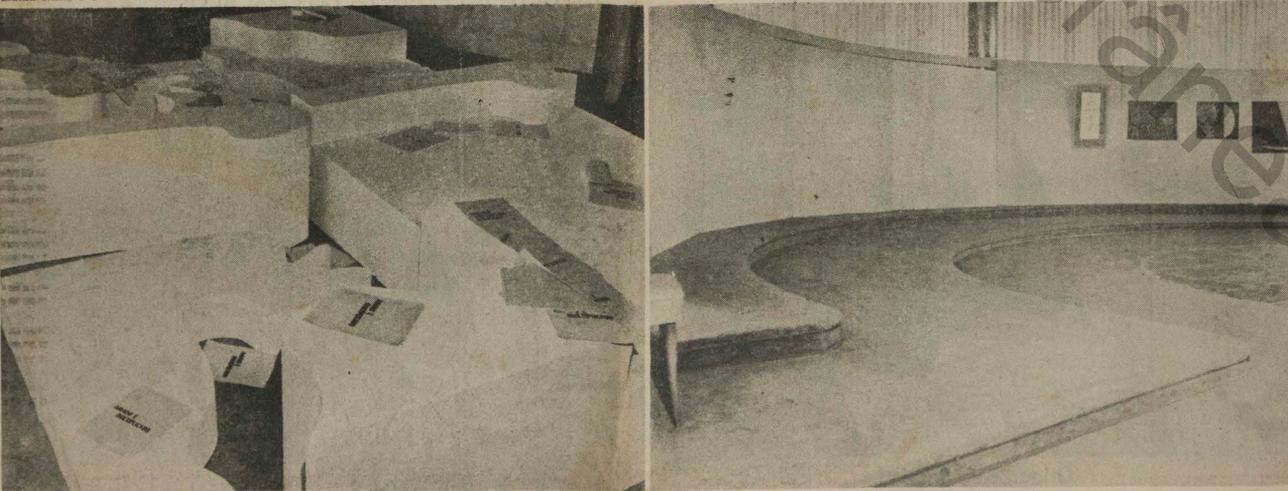
inteligente e atual. Também desenhistas como Manoel Augusto Serra — como manda o figurino atual. Herman Chacoff — na pintura — bem como Ignácio Rodrigues com suas paisagens futuristas-realistas em torno do multissensu e permanentes. Geraldo Teles de Oliveira é outro que justifica plenamente o seu prêmio adquirido. Com referência à Bela Especial, nem se fala: Eduardo de Paula só hoje não come, pareceu com suas pinturas e Mário Silésio, com um desenho e 8 pinturas, não permitiu uma visão completa da obra do artista. Em momento sugerimos uma sala com Mário Silésio somente. Ainda está em tempo de salvar a sala especial e fazer uma revisão da obra do artista. Assim, o certame fica à disposição do público até o mês de fevereiro.

Antecedentes do fracasso

Para se ter uma idéia, exata do fracasso do certame, é necessário conhecer seus antecedentes. O conservador chefe do Museu, por meio de intrigas, foi afastado do cargo. Ele, sem ser eleito, passou a fazer as vezes de conservador chefe por tarefa, depois por terra vários itens do regulamento, visando a ser indicado para o júri. Além disso, no ano seguinte retirou o item que dizia que os membros deveriam ser filiados à Associação Brasileira de Críticos, uma saída para fazer média com pessoas sem nenhuma condição.



Abajour-estátuas, peças acidentalmente inscritas no Salão. O dono queria vendê-las, os jurados sugeriram a inscrição e lá estão, logo na entrada



Os objetos recortados de Teresinha Soares. A miopia do júri não viu a importante proposta.

A incompleta sala especial. De um lado os painéis à espera das pinturas do pintor Eduardo de Paula. Do outro, um desenho e pinturas de Mário Silésio.

21-12-1970